



## BEIRADAS DO OLHAR: OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO VIVER ÀS MARGENS DO MADEIRA

URNAU, LÍLIAN CAROLINE<sup>1</sup>;

NASCIMENTO, LAURA GRAZIELE SILVA<sup>2</sup>;

ROSÁRIO, CAMILY ALMEIDA DO<sup>3</sup>;

CRUZ, I'REENA T. ROSSI DA<sup>4</sup>;

JACKSON MORETE DA SILVA<sup>5</sup>.

### RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

#### Grupo Temático: Economia Solidária, Juventude e Diversidades

#### Resumo

Trata-se de um projeto de extensão, desenvolvido no âmbito do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Rondônia (ITCP/UNIR) voltado às especificidades das relações de adolescentes com os territórios Amazônicos na microrregião de Porto Velho, Rondônia. Tem como objetivo compreender e valorizar os olhares, vivências e vozes de adolescentes, de uma comunidade de catadores de materiais recicláveis. A metodologia, embasada na Psicologia Histórico-Cultural, constitui-se de oficinas de experimentação fotográfica, de produção do olhar, do sentir, do pensar sobre o passado, o presente e as perspectivas de futuro de adolescentes. Os resultados são socializados por meio de narrativas e exposição de fotografias e demonstram que os/as participantes produzem sentidos sobre a realidade e seu lugar na sociedade, fundamentais para reflexão sobre o futuro, e do entendimento da importância de sua participação na economia solidária na Amazônia.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondônia, ITCP/UNIR, lilian.urnau@unir.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rondônia, ITCP/UNIR, lauragrazieles@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Rondônia, ITCP/UNIR, camilyalmeida1302@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Rondônia, ITCP/UNIR, takinaireena@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Rondônia, ITCP/UNIR, jacksonmorete1@gmail.com



Palavras-chave: adolescentes; Amazônia; fotografia;

## Introdução

A adolescência constitui um marco importante ao desenvolvimento humano pela complexificação de diversos processos psíquicos, necessariamente constituídos nas e pelas relações objetivas materiais e sociais de proximidade (sejam elas familiares, de amizade, de intimidade ou outras vivenciadas nas instituições escolares, na vizinhança/comunidade/território etc.) que assumem novas nuances, dinâmicas e demandas, num dado cenário social mais amplo e num momento histórico específico, tal como pressupõe a Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Novas e mais complexas formas de pensar, sentir e agir no mundo são desenvolvidas e garantem que o/a adolescente alcance novos degraus na consciência de si e das relações ao seu redor, centrais à participação à sua inserção no campo produtivo do trabalho e ao exercício da participação sociopolítica e da cidadania (Vygostki, 2006).

Ainda que a adolescência detenha condicionantes biológicos universais e sociais mais globais, assume particularidades a partir dos grupos de pertencimento, configurando o que chamamos de adolescências no plural, que são vividas pelos indivíduos de maneira singular e ativa. Tratam-se de adolescentes com classes sociais, raças/etnias, gêneros distintos, com diferentes expressões de sexualidade e que vivem em territórios contextual e culturalmente diversos, características que precisam ser problematizadas em quaisquer trabalhos que desenvolvemos na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

É neste cenário complexo que o tema da diversidade sociocultural e da identidade cultural precisa ser debatido com adolescentes. Grupo etário que detém, como significação difundida, a tarefa geracional de construção do porvir. Nesta direção, mobilizar oficinas de reflexão com adolescentes/jovens para produção de significados sobre suas existências e identidades no território amazônico rondoniense e quais são suas perspectivas de futuro, possibilita processos de conscientização que consideramos centrais ao processo de desenvolvimento humano.

Mas não se trata de qualquer projeto de futuro! Tratam-se de adolescentes criados em famílias que estão desenvolvendo atividades de economia popular e/ou solidária, que resistem às formas capitalistas clássicas de produção e organização do trabalho, tal como aponta Singer (2002). São famílias que buscam sobreviver em cooperativas de materiais recicláveis ou de artesanato. Ou ainda que buscam produzir alimentos saudáveis (sem agrotóxicos), com métodos mais sustentáveis à natureza e que redimensionam também as lógicas de consumo de alimentos para a sazonalidade e à produção e não ao desejo do consumidor.

Problematizar com estes adolescentes seus futuros é uma condição central para o futuro da própria atividade solidária no estado de Rondônia. O que não pode indicar direcionar os sentidos/significados, mas produzir espaços de escuta, acolhimento, compartilhamento, autogestão e conscientização, que permitam a autonomia e liberdade de escolha.



Com base nestes pressupostos, o projeto de extensão Beiradas do Olhar busca promover reflexões sobre os processos psicossociais de inclusão e exclusão, cultura e identidade amazônica por meio de experimentações fotográficas. A iniciativa surgiu da necessidade de criar espaços de reflexão e expressão para esse público, considerando o contexto amazônico, que se caracteriza por tradições locais e modos de vida marcados por processos de exclusão. Nessas condições, compreender como os/as adolescentes se relacionam com a cidade, com suas memórias e identidades, torna-se fundamental para pensar práticas de cuidado.

## Metodologia

A metodologia adotada combinou oficinas de experimentação fotográfica, rodas de conversa, colagens e slides expositivos, fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural. Essa escolha visou promover o protagonismo dos/das adolescentes, estimulando a expressão artística e criativa, a produção do olhar e processos de sentido/significação (Viigotski, 1998; Vigotski, 2001; Vygotski, 2001). Inspirados na perspectiva proposta por Cantera (2019), Rodrigues e Cantera (2016) que compreende a fotointervenção como prática de produção coletiva de sentido e visibilização de realidades muitas vezes silenciadas, o projeto busca transformar a fotografia em um recurso de diálogo, denúncia e criação de novas narrativas sobre si e o mundo. O registro das atividades foi realizado por meio de diários de campo, possibilitando documentar percepções, interações e aprendizados ao longo do processo.

As oficinas são realizadas no espaço de convivência/lazer da comunidade Vila Princesa, localizada na BR-364, com frequência semanal de duas horas de duração. Tiveram início no mês de maio, totalizando até o momento oito encontros. O universo envolvido compreendeu adolescentes e algumas crianças entre 8 e 18 anos da comunidade Vila Princesa, em Porto Velho (RO), estudantes de escolas públicas da região. Em média, participaram de cinco a nove adolescentes por atividade, acompanhados pela equipe de extensão formada por estudantes do curso de Psicologia, Artes Visuais e Letras Inglêss.

## Resultados e Discussão

A primeira oficina abordou o tema “Adolescência e relações de igualdade e desigualdade de gênero”. Os 11 adolescentes presentes, após um momento de resistência, engajaram-se em uma roda de conversa guiada por conversas disparadoras, compartilhando percepções sobre papéis de gênero em contextos domésticos, escolares e esportivos. A atividade funcionou como mediação simbólica (Vygotski, 1995), permitindo que as experiências individuais fossem discutidas, reinterpretadas e problematizadas coletivamente. A partir de objetos simbólicos, como colares, colher de pau, boné etc. os jovens realizaram produções fotográficas em duplas que representavam simbolicamente gêneros. As fotos registradas pelos participantes se configuram como fotointervenções críticas, em que a câmera se torna instrumento de expressão, reflexão e questionamento de desigualdades percebidas pelos/pelas adolescentes.



O segundo encontro consistiu numa visita ao campus da Universidade Federal de Rondônia, onde cinco adolescentes conheceram a Biblioteca Central e visitaram a exposição fotográfica composta por registros produzidos em oficinas do ciclo anterior (2024). Em seguida, participaram do evento “UNIR de Portas Abertas”, com acesso a estandes de cursos e visitas guiadas às amostras de Biologia e Arqueologia. Alinhada à perspectiva de Vygotski (2006), o ambiente universitário funcionou como zona de desenvolvimento proximal, na qual os jovens puderam explorar novas formas de interação, conhecimento e produção de sentido, mediadas pela equipe e pelos espaços de exposição.

Na terceira oficina os/as adolescentes produziram colagens com base nas fotografias previamente registradas. Nas colagens refletiram sobre desigualdade de gênero. O exercício, embora inicialmente parecesse apenas uma atividade artística abre espaço para a criatividade e não se limita a recombinar imagens, mas expressar reflexões subjetivas sobre desigualdade de gênero e as vivências dos jovens da Vila, revelando o potencial da fotografia enquanto dispositivo que provoca debate e ressignificação coletiva.

A quarta oficina teve como tema a introdução à composição fotográfica. Na prática, organizada no campo de futebol, cada dupla participante pôde aplicar os conceitos aprendidos, resultando em registros autorais que revelaram envolvimento e sentimento de protagonismo. Ao trabalhar enquadramento, luz, foco e ângulos, o aprendizado não se restringiu ao aspecto técnico, mas se configurou como um exercício de escolha de olhares, em sintonia com a ideia de Cantera (2019) de que cada enquadramento traduz uma forma de significar o mundo, revelando que na fotografia os sujeitos não apenas registram, mas também produzem sentidos e narrativas sobre si e sobre o território que habitam.

O quinto encontro foi dedicado à exibição do documentário Mulheres da Vila, produzido por uma estudante de jornalismo da UNIR. O recurso audiovisual foi utilizado como inspiração para que os/as adolescentes iniciaram a concepção de um possível documentário próprio, centrado em suas vivências como “adolescentes da vila”. A atividade abriu espaço para narrativas comunitárias e acadêmicas, o que dialoga diretamente com a perspectiva da foto intervenção de construir pontes entre vozes marginalizadas e espaços institucionais de saber, além de, aproximar-se do conceito de Vygotsky (2006) de construção coletiva de conhecimento, pois os jovens participam de um processo de reflexão e criação que articula experiência, linguagem e imaginação.

As próximas três oficinas foram organizadas em torno da construção de um documentário sobre a adolescência na Vila Princesa. Os/as adolescentes inicialmente demonstraram interesse, mas alguns vêm apresentando resistência (por timidez e vergonha) em serem gravados.

As ações até então desenvolvidas possibilitaram experiências significativas que articularam a escuta, a criação artística e a reflexão crítica sobre o viver adolescente em contextos amazônicos. As oficinas promoveram discussões potentes em torno das desigualdades de gênero, permitindo que os jovens expressassem inquietações sobre as restrições vividas nas práticas sociais, bem como sobre a atribuição desigual de responsabilidades domésticas. Tais reflexões, mediadas pela fotografia, constituíram-se



como exercícios de leitura crítica do cotidiano e de elaboração simbólica das próprias vivências, ressignificando-as em registros estéticos e narrativos.

Do mesmo modo, as práticas de colagem, composição fotográfica, demonstraram a potência da arte enquanto mediação no processo de formação subjetiva e social, estimulando a imaginação, o pensamento crítico. A fala espontânea de uma participante — *“Estou fotógrafa hoje”* — evidencia o protagonismo despertado e a apropriação criativa da linguagem fotográfica como forma de se reconhecer e se afirmar diante do grupo e da comunidade.

Do ponto de vista da formação dos extensionistas, o projeto contribuiu para uma prática crítica e socialmente comprometida, exigindo mediações diante de conflitos interpessoais e possibilitando trocas significativas entre estudantes universitários e os jovens participantes. A convivência em campo evidenciou a importância de metodologias participativas, não se limitou à transmissão de técnicas fotográficas, mas à vivência de processos coletivos que transformam tanto estudantes quanto participantes da comunidade, convidando os estudantes a repensarem sua prática acadêmica em diálogo com a realidade amazônica.

No que se refere aos aspectos de formação arte-educativa com os/as adolescentes participantes, observamos diversos avanços em relação à percepção e à composição visual. Durante a oficina do dia 21 de junho, os alunos tiveram a oportunidade de revisitar alguns de seus resultados mais satisfatórios após trabalharem conceitos como plano, cor, textura e composição.

Entretanto, o avanço mais significativo observado foi no uso consciente do enquadramento e da perspectiva, além de um olhar mais cuidadoso para a linguagem fotográfica como um todo. Houve excelentes aplicações da teoria das cores nas fotografias de natureza e paisagem, que foram destacadas durante a oficina e apresentadas aos alunos como exemplos concretos de seu progresso.

Assim, os resultados do projeto reafirmam a fotografia como recurso estético e político capaz de visibilizar realidades, fomentar consciência crítica e criar espaços de expressão cultural. Ao mesmo tempo, evidenciam a importância de práticas extensionistas que articulam juventude, território e identidade amazônica, contribuindo para novas possibilidades de desenvolvimento, para a valorização de suas vozes e para a construção de vínculos entre saberes acadêmicos e comunitários.

### Considerações Finais

As ações desenvolvidas demonstraram o potencial das oficinas fotográficas e atividades comunitárias/acadêmicas para ampliar repertórios, promover troca de saberes e fortalecer a autonomia, senso criativo e crítico dos/das adolescentes e jovens participantes. A combinação entre atividades práticas e reflexivas possibilitou que os/as adolescentes exercessem maior protagonismo, explorando a fotografia como ferramenta de expressão artística e como meio de problematização das vivências de seu território. Como ações futuras, destaca-se a ampliação do projeto em novos ciclos, aprofundando a proposta de fotointervenção, fortalecendo ainda mais o protagonismo juvenil e ampliando as possibilidades de inserção crítica dos/das adolescentes na vida social e



cultural, reforçando o diálogo entre universidade e comunidade. Assim, o *Beiradas do Olhar* se configura como uma experiência que não apenas registra, mas também produz novas narrativas sobre o viver adolescente na Amazônia, contribuindo para a valorização das identidades locais e para a construção de perspectivas de transformação social.

### Agradecimentos

Agradecemos à orientadora, às bolsistas e voluntárias do projeto *Beiradas do Olhar* pela dedicação e compromisso, que tornaram possível a realização das oficinas e a construção coletiva deste trabalho. Estendemos também nosso reconhecimento à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNIR) e ao Programa Institucional Extensão e Cultura UNIR, cuja atuação e apoio foram fundamentais para a consolidação destas atividades.

### Referências

- CANTERA, Leonor M. E. La fotointervención como herramienta docente. **REPTE: Revista de Enseñanza de la Psicología: Teoría y Experiencia**, v. 1, n. 5, p. 18-30, 2009.
- RODRIGUES, Rita A.; CANTERA, Leonor M. E. A fotointervenção como instrumento de reflexão sobre a violência de gênero e imigração. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 3, p. 927-945, 2016.
- SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- VYGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKII, Lev S. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madrid: Printing Book S. L., 1998.
- VYGOTSKI, Lev S. **Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.
- VYGOTSKI, Lev S. Pensamiento y palabra. In: VYGOTSKI, Lev S. **Obras escogidas II**. Madrid: A. Machado Libros, 2001. p. 287-348.
- VYGOTSKI, Lev S. **Obras escogidas IV: psicología infantil**. 2. ed. Madrid: A. Machado Libros, 2006.